

ARTIGO

Identidade e poder no Conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti*

Por Cinthia Freitas de Souza

Neste artigo, tratar-se-á da constituição da identidade do sujeito feminino no conto “A moça tecelã”, da escritora Marina Colasanti*, assim como a relação mulher e homem que se desenvolve nesse conto por meio dos estudo de gênero.

O conto foi publicado inicialmente em 1983 no livro *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (nome de um dos contos dessa publicação). A escritora o compõe estruturalmente como sendo um conto maravilhoso. Partindo de elementos como reis, rainhas, camponeses e reinos cujos nomes não se sabe e ações fantásticas e cheias de magia, Colasanti atualiza esse gênero literário uma vez que traz conflitos universais e atemporais do ser humano contemporâneos à época em que escreveu: na efervescência do movimento feminista.

Além disso, a escritora também altera esse gênero literário quanto a sua estrutura clássica. Percebe-se isso, por exemplo, quando seus contos fogem a dois traços linguísticos típicos desse gênero textual: o “Era uma vez” e o “Viveram felizes para sempre”. Sobre isso, Maria Helena T. Buarque e Célia Regina D. Fernandes (2011) afirmam que:

* Nascida em Asmara na atual Eritreia (África) em 1937, depois de viver na Itália por onze anos, Marina Colasanti veio para o Brasil em 1948. Formou-se em Artes Plásticas, trabalhou em revistas femininas, como Cláudia e Nova. Exerceu atividade jornalística, de produção literária de livros para adultos e infantojuvenis e de ilustração dos próprios livros.

é possível elencarmos algumas pequenas diferenças estruturais com relação ao conto tradicional. A moça tecelã não contempla o famoso *Era uma vez...* em seu início. [...] E da mesma forma temos o encerramento do conto, substituindo a marca tradicional *E foram felizes para sempre* para, novamente, o relato sutil do recomeço de um novo dia da moça que tece. (BUARQUE; FERNANDES, 2011, p. 175-176, grifos das autoras).

Além dessa diferença estrutural, no que se refere ao enredo da narrativa, já é habitual o fato de a princesinha, numa posição passiva, esperar o príncipe encantado que lhe salvará dos perigos aos quais foi exposta. Quando ele finalmente a resgata, conseqüentemente, segue-se o casamento e a felicidade eterna.

Desse modo, se após ser resgatada, a princesa se casa com o príncipe e, dedutivamente, vivem felizes para sempre sem que se saiba posteriormente o cotidiano do casal, ao reatualizar o conto de fadas, Colasanti agora apresenta o dia-a-dia do matrimônio e revela que nem sempre o casamento será permanentemente feliz. Nos contos maravilhosos, ou mais comumente, nos contos de fadas, o casamento é para a figura feminina o seu único destino. Sua felicidade depende de estar ao lado, para sempre, de um homem. Essa figura masculina é aquele que trará a alegria para a vida das princesas. Esse gênero literário evidencia, portanto, a construção estigmatizada da identidade da mulher. Socialmente a mulher realizada seria aquela que constitui uma família e sobre a qual recai o sucesso ou o fracasso do lar.

A feminista Tania N. Swain (2000), ao discorrer sobre a construção da identidade no corpo feminino, afirma que a condição social da mulher e as exigências impostas a ela têm mudado, como

por exemplo, a obrigatoriedade da virgindade para que possa se casar. Todavia, ainda algumas normas sociais se mantêm, consequentemente, “o casamento e a maternidade povoam os sonhos e o imaginário das mulheres, que se consideram completas apenas se forem mães e esposas” (SWAIN, 2000, p. 54).

É justamente essa concepção que será refutada no conto “A moça tecelã” (a de que uma mulher, para se sentir realizada, precisa impreterivelmente ser mãe e esposa). Dessa maneira, vê-se que o conto revela uma mensagem crítica à condição imposta à mulher, ao evidenciar que a felicidade dela não está obrigatoriamente num casamento. Acerca dessa consideração, Elenara Litz e Ângela da Rocha Rolla (2007) asseguram:

O conto dirige-se ao público infantil, [mas] não é neutro nem inocente. Em lugar de conduzir a uma acomodação, investiga. No conto, a fantasia desmistifica o real, em vez de camuflá-lo. O imaginário é uma ferramenta convincente. Em sua riqueza e abertura há várias leituras, o conto dá ênfase, entre algumas questões abordadas, à importância de se repensar o conceito de um relacionamento conjugal, bem como o relacionamento da personagem consigo mesma. (LITZ; ROLLA, 2007).

Em suma, tratar-se-á a seguir da construção de identidades da personagem central da narrativa e da relação de poder que se mantém entre ela e o marido por meio da teoria de gênero.

(Des)tecendo as identidades

Antes de desenvolver a análise, é necessário fazer um resumo da narrativa: Uma jovem era tecelã. Mas ela não produzia apenas tecidos, pois seu tear era mágico e tudo o que a jovem tecia ganhava vida, como se verifica na passagem que segue:

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila. (COLASANTI, 2003, p. 10).

Quando um dia sentiu-se só, a jovem teceu um marido. Inicialmente viviam felizes até que seu cônjuge descobriu a magia do tear e, ambicioso, passou a ordenar que a esposa tecesse riquezas: um castelo para que morassem, muitos criados, cavalos... Um dia, ele a prendeu na mais alta torre do castelo em que moravam e a moça então percebeu que estava infeliz. Desejou novamente ficar sozinha. Certa vez, enquanto o marido dormia, ela finalmente decidiu destecer tudo, inclusive o esposo, que não pôde fazer nada, pois, quando acordara, a moça já lhe destecia os pés. Sozinha novamente, a moça sentiu-se feliz, tecendo uma linda manhã que apontava no horizonte.

Nesse contexto, pode-se perceber a mudança de estado da personagem central. Identificamos inicialmente uma mulher que, se sentindo sozinha, procura um marido para completar-se, acreditando que ele lhe trará a felicidade que procurava. Posteriormente vemos uma mulher que se sentia infeliz com o casamento e que percebe então que não seria um marido que a deixaria contente. Assumindo o controle de sua vida, a moça decide acabar com o casamento (que

no conto acontece quando ela destece tudo que o marido havia lhe mandado tecer, inclusive ele mesmo).

Há aqui uma personagem que muda sua postura, muda seus sentimentos. Há, portanto, duas identidades em um único corpo. Identidades que emergem a partir das experiências vividas por essa personagem. Primeiramente, vê-se uma mulher que acredita que sua felicidade será completa quando tiver um marido e filhos. Posteriormente, emerge-se um perfil de mulher que rejeita a submissão imposta por um casamento que não a satisfazia mais, libertando-se desse compromisso.

Essa mudança de comportamento é perfeitamente aceitável para os estudos de gênero. A feminista já citada aqui, Tania Swain, num artigo intitulado “Identidade pra que te quero?”, afirma que frequentemente, a “identidade” é entendida como sendo a “raiz” do indivíduo. Essa raiz, contudo, não passa de “configurações culturais” impostas pela sociedade, que determina qual é o comportamento apropriado para os homens e para as mulheres. Com o objetivo de romper com essas imposições, Tania Swain expõe:

As identidades não passam de construções passageira, fluidas, com pousos esporádicos, lá onde o presente se torna passado; em processo, eu sou apenas um projeto de mim, aquela que já passou e que ainda não é. Que não será nunca sendo. (SWAIN, 2006).

Dessa maneira, aceitando a inconstância da identidade como sendo “pousos esporádicos”, conforme se revela no conto “A moça tecelã”, a personagem central representa um comportamento

* Artigo apresentado numa palestra proferida na UFSC em 2006. Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/identidade%20p%20q%20te%20qyero.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

mutável. Se no início da história, ela sonha com um casamento, ao acreditar que um marido lhe traria a completa felicidade, no decorrer da narrativa, a moça que tece percebe que sua felicidade não depende exclusivamente da presença de um homem em sua vida.

Essa mutabilidade identitária também é tratada por Stuart Hall (2005). Segundo esse autor, se antes a identidade era entendida como sendo inata ao sujeito a qual determinava um ser de caráter centrado e unificado, no indivíduo pós-moderno, essa estabilidade é entendida como “fantasia”. Nesse sentido, devido a movimentos sociais, não só o sujeito, como também a própria sociedade se tornam múltiplos.

Hall apresenta então “cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas” que promoveram a multiplicação do sujeito, entre eles, destaca-se o Movimento Feminista, o qual trata de questionar as relações conflitantes entre homens e mulheres a partir das imposições culturais. Nesse sentido, de acordo com o pesquisador: “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p. 12).

Se se pensar no conto analisado, a moça tecelã revela um comportamento contraditório. A pessoa que procurava o apoio de uma figura masculina é a mesma que se desfez dela. Veja-se o que conta a narradora inicialmente:

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez, pensou como seria bom ter um marido ao lado. [...] Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça

pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade. (COLASANTI, 2003, p. 12).

A partir desse fragmento, é possível perceber que a moça sonha com a família que constituiria com o marido. Pensar na vida doméstica a deixava feliz. Contudo, devido ao desgosto que tivera com o cônjuge, veja-se agora o que acontece: “E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo” (COLASANTI, 2003, p. 13).

Isso reforça a ideia de que a identidade é constituída aos poucos, a cada experiência vivida. A negatividade na experiência do casamento faz com que a moça que tece não queira mais permanecer casada. Ela rompe, por conseguinte, com a imposição criada pela sociedade, isto é, pelo gênero ao corpo feminino de que a mulher deve manter seu casamento.

Vale salientar o seguinte sobre a teoria de gênero. Esta analisa as relações desiguais entre homens e mulheres, que seriam estabelecidas não por questões biológicas, mas pelo caráter social, ou seja, as concepções acerca da mulher e do homem são criações culturais, isto é, são construções de gênero e não necessariamente de sexo*. Se outrora, o termo “gênero” fora usado como sinônimo de “mulher”, atualmente ele não se limita à figura feminina, pois o termo entende que as informações sobre as mulheres são informações sobre os homens, como assegura Joan Scott (1995). Essa mesma

* O termo “gênero” é adotado inicialmente pelas feministas americanas (gender) a fim de negar que as desigualdades estabelecidas entre homens e mulheres sejam de caráter estritamente sexual, isto é, devido exclusivamente ao determinismo biológico o qual constitui os órgãos sexuais de cada um. Segundo as feministas, a distinção é marcada predominantemente pela cultura, isto é, pelo aspecto social através do gênero, e não pelo aspecto biológico, isto é, pelo sexo.

feminista postula que o gênero trata das construções culturais e, dessa maneira, discute-se “a criação *inteiramente social* de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às *origens exclusivamente sociais* das identidades subjetivas de homens e mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75, grifo nossos).

Como dito anteriormente, o aspecto cultural é fator imprescindível para não só entender, mas também para desconstruir a desigualdade estabelecida entre o feminino e o masculino. Estudá-los concomitantemente já seria uma maneira de romper com questões de discriminação. É o que se faz neste trabalho ao analisar a relação do casal.

Vale trazer ainda as considerações de outra feminista, Guacira Lopes Louro (2003). Segundo ela, as justificativas das desigualdades sociais são explicadas a partir dos arranjos sociais, e não pelas diferenças biológicas. A desigualdade entre os gêneros determina, por exemplo, que socialmente o espaço destinado às mulheres seja o doméstico e aos homens, o público.

Ao pensar em constituir família, isto é, ter filhos com o marido, a identidade da moça tecelã ia ao encontro da imagem preestabelecida e destinada às mulheres pela sociedade, isto é, a de limitação ao espaço doméstico, à família. É válido retomar então o que aponta Tania Swain ao afirmar que o destino da mulher ainda parece ser o casamento e maternidade.

Conforme elucidada essa feminista, a maternidade é fator que controla a mulher e a coloca em uma posição inferior ao homem. A partir disso, cria-se uma imagem de que a “verdadeira mulher” seria a “mãe/esposa/dona de casa”. Percebe-se, entretanto, que, no desenrolar da narrativa, a moça tecelã rompe com essa representação,

destecendo o marido. Essa decisão, entretanto, não significa tristeza. Ao contrário, quando se vê livre de um marido que a subordinava, a jovem esposa percebe-SE feliz novamente, como se pode verificar na passagem a seguir:

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro do sapato, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. [...] Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte (COLASANTI, 2003, p. 14).

Vejamos que, após o fim do casamento, a jovem tece a luz da manhã. Tece a chegada de mais um dia que ela queria viver e que não pôde apreciar por algum tempo durante o casamento, uma vez que passou a trabalhar para satisfazer os caprichos do marido.

(Des)tecendo o poder

Como se vê no conto “A moça tecelã”, rompe-se a concepção de que a mulher é obrigatoriamente submissa ao homem, representado quando a personagem se “separa”, pois o cônjuge não mais atendia às expectativas da moça. Essa decisão é tomada quando a protagonista é explorada pelo marido que passa a exigir que ela teça riquezas depois de descobrir que o tear era mágico. Nesse contexto, durante um período, o marido exerceu poder sobre a personagem.

Segundo o filósofo francês Michel Foucault (2011), o poder está

em toda a parte, porque ele se origina de todos os lugares. Por estar presente em tudo, o poder não é uma instituição ou uma estrutura, nem mesmo é algo de que alguém possa ser dotado, na verdade, o poder “é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2011, p. 103).

Desse modo, o marido exercia inicialmente domínio sobre sua esposa, pois, ao “ordenar” que ela mantivesse o luxo dele, a moça sempre o acatava em silêncio, sem fazer objeções. Ainda de acordo com Foucault, o discurso veicula e produz o poder, todavia o silêncio também lhe dá “guarita”, ou seja, o protege, o mantém. Ficar em silêncio, aumentava a força repressiva do marido sobre a moça tecelã. O ápice desse domínio acontece quando ele a prende num quarto da torre mais alta do castelo em que viviam. Segundo Maria Helena Buarque e Célia Regina Fernandes (2011, p. 180-181), recorrendo à Psicanálise, essa torre simbolizaria o falo, isto é, o poder masculino do marido que exerce o poder através de estratégias de controle e submissão.

Vale ressaltar, apoiando-se novamente em Foucault, que o poder aparece em meio a relações desiguais, mas móveis. Isso significa que só haverá uma situação estratégica de poder se houver mobilidade e a possibilidade de resistência. Desse modo, é preciso que o outro, o dominado, tenha a possibilidade de escapar, de inverter a situação. É justamente o que acontece no conto quando a moça tecelã, ao valer-se do sono do marido, o desfaz, ou seja, ela reage contra o sujeito que a dominava momentaneamente. Ao fazer isso, inverte-se a situação, rompendo-se com o poder de domínio por parte da personagem masculina.

Dessa maneira, refuta-se a ideia fixa de que o homem é o

polo dominante e a mulher seja o polo dominado, uma vez que a rigidez nas relações não existe. A mulher pode inverter essa condição, visto que o poder não pertence ao homem, porque, na verdade, não pertence a ninguém. Como já dito, o poder é uma situação estratégica desenvolvida. Vale trazer novamente as palavras de Foucault ao afirmar que “o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 2011, p. 104). A mobilidade das relações é, portanto, o ponto central que justifica a possibilidade de a moça que tece, insatisfeita com o seu casamento, libertar-se.

Se recorrermos à simbologia do trabalho do tear, ele revelaria a importância das mulheres na sociedade ao desenvolver esse ofício. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1997) descrevem que, em regiões africanas, “fiar e tecer significam para a mulher o mesmo que lavar significa para o homem: associar-se à obra criadora” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997, p. 432). Nesse contexto, a moça tecelã valeu-se de seu trabalho para não ser subjulgada pelo marido, pois o tear já conotava a não inferioridade dela. O tear era o objeto que lhe garantia uma vida autonomia.

Quem tece tem o controle da situação, portanto essa atividade pode ser entendida como sendo uma estratégia de manutenção do poder. Aparece na literatura da Antiguidade como em *A odisseia* em que Penélope tecia para garantir que o lugar do marido Ulisses não fosse tomado por ninguém ou como no mito das irmãs moiras, que representavam o destino das pessoas. Elas tinham o controle do nascimento e da morte dos seres. Elas decidiam quando o fio da vida devia ser cortado.

Se se voltar à questão de criação do trabalho de tear, era exatamente o que a personagem central fazia, ela criava o sol, a chuva, seu alimento. Era, portanto, um objeto de liberdade. Era esse instrumento que lhe garantiria a autonomia social. A figura do marido, ao exigir que a esposa produzisse bens a ele, impedia que a moça tecelã criasse e sentisse-se livre e independente, por isso foi preciso cortar-lhe o fio da vida, foi preciso desfazê-lo, como uma moira.

Considerações finais

Subsidiada principalmente pelos estudos de gênero, esta análise objetivou avaliar a relação entre a mulher e o homem, por meio de concepções acerca da identidade do sujeito pós-moderno e das relações de poder no casamento. Como se percebe, no que se refere às identidades, estas são entendidas como sendo flexíveis e múltiplas. Um único indivíduo pode apresentar um perfil contraditório, visto que as identidades são constituídas a cada momento, a cada experiência vivida pelo sujeito. É por isso que a moça tecelã, que no início da narrativa sonhava com um marido e filhos para completar sua felicidade, ao final do conto, desfaz-se do cônjuge sem que isso a deixasse infeliz. Ao contrário, ela queria viver as manhãs que não vira durante o tempo em que trabalhava para satisfazer os caprichos do marido.

Quanto ao sentido de poder, evidencia-se que essa força não pertence a nenhum indivíduo. Ele se estabelece por situações estratégicas em relações desiguais. A mobilidade nas relações permite que o sujeito que é dominado possa inverter sua situação. No conto

analisado, essa possibilidade é representada quando a moça tecelã destece seu marido, ou seja, quando se rebela contra o poder da figura masculina.

Diante do exposto, infere-se que a narrativa de Marina Colasanti propõe um caráter subversivo, no sentido de promover a reflexão dos paradigmas sociais estabelecidos aos homens e às mulheres, ao revelar que o fato de não seguir esse padrão, não necessariamente, torna o indivíduo infeliz. Às vezes, é o fato de reagir contra os moldes que traz a serenidade ao sujeito feminino.

Vale ressaltar ainda que esta análise não é uma tentativa de condenar o casamento. Trata-se apenas de reavaliar as relações entre homens e mulheres a fim de que esse relacionamento possa ser beneficiado, sem que haja imposições repressoras aos dois sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a metáfora “(des)tencendo”, presente nos subtítulos deste artigo, parece favorável ao tema, uma vez que, a todo instante, o indivíduo tece e destece sua identidade, tem e não tem o poder.

REFERÊNCIAS

- BUARQUE, Maria Helena Touro; FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Reencantos e ressignificações no conto de fadas contemporâneo: uma análise de A moça tecelã*. *Anuário de literatura*. [online] Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2011v16n1p171>>. Acesso em: 13 dez. 2012.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. In.: COLASANTI, Marina.

Doze reis e a moça no labirinto do vento. 11. ed. São Paulo: Global Editora, 2003. p. 10-14.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. v.1.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 7-46.

LITZ, Elenara; ROLLA, Ângela da Rocha. *A imagem feminina retratada no conto “A moça tecelã”*. [online] Disponível em: < <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/letras/233.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2012.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 14-56.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In.: SCOTT, Joan Wallach. *Educação e realidade*. Porto Alegre, 1995, v. 20. p. 71-99.

SWAIN, Tania Navarro. *A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário*. SWAIN, Tania Navarro (org.). *Textos de História: dossiê feminismo, teorias e perspectivas*. Brasília, v. 8, n. 1/2, p. 47-84. 2000.

SWAIN, Tania Navarro. *Identidade, pra que te quero?*. [online] Disponível em: < <http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/identidade%20p%20q%20te%20qyero.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

Cinthia Freitas de Souza. Nascida em Montes Claros (MG); graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual de Montes Claros (MG). Atualmente é mestranda em Letras/Estudos literários na mesma instituição.